



HAL
open science

A lógica da contingência na interpretação equívoca

Daniela Batista Santos

► **To cite this version:**

Daniela Batista Santos. A lógica da contingência na interpretação equívoca. Stylus, 2022, 40, <http://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/512>. hal-04026586

HAL Id: hal-04026586

<https://hal.science/hal-04026586>

Submitted on 18 Apr 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License

A lógica da contingência na interpretação equívoca¹

Resumo

Kairós é uma palavra grega impossível de ser traduzida e que possui uma importância particular para a sofística, pois representa algo em relação ao tempo, ao discurso e à argumentação. Barbara Cassin define o *Kairós* como o instante incalculável, furtivo, sem objetivo, singular e contingente. O termo também pode ser considerado como o momento de abertura do possível, o momento de ruptura, da criação do novo. Desta forma, este trabalho pretende articular essa particularidade do discurso sofisticado à contingência como modalidade lógica no tratamento psicanalítico. Uma discussão sobre as características do discurso de Górgias e de Lacan é traçada brevemente buscando demonstrar porque o recurso ao equívoco é uma arma poderosa no trabalho com o inconsciente através da interpretação. A partir de elaborações sobre o inconsciente real, a lógica do não-todo e a impossibilidade da relação sexual demonstramos como a modalidade do contingente é crucial para o tratamento psicanalítico.

Palavras-chaves

Contingente; interpretação; equívoco; kairós

The logic of contingency in the equivocal interpretation

Abstract

Kairós is an impossible Greek word to translate, which has a particular importance for sophistry because it represents something in relation to time, speech and argument. Barbara Cassin defines *Kairós* as the incalculable, stealthy, aimless, singular and contingent moment. It can also be considered as the moment of opening of the possible, moment of rupture, creation of the new. This work aims to articulate this particularity of the sophistic discourse to the contingency as a logical modality in psychoanalytic treatment. A path from Gorgias to Lacan is briefly outlined for trying to demonstrate why resorting to equivocation is a powerful weapon to work with the unconscious through interpretation. From elaborations on the real unconscious, the logic of the not-all and the impossibility of the sexual relation we demonstrate how the modality of the contingent is crucial for the psychoanalytic treatment.

¹ O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de doutorado e foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

Keywords:

Contingent; interpretation; equivocal, kairós

La lógica de la contingencia en la interpretación equívoca**Resumen**

Kairós es una palabra griega imposible de traducir que tiene una importancia particular para la sofística porque representa algo en relación con el tiempo, el discurso y el argumento. Barbara Cassin define a *Kairós* como el momento incalculable, sigiloso, sin rumbo, singular y contingente. También puede considerarse como el momento de apertura de lo posible, momento de ruptura, creación de lo nuevo. Este trabajo pretende articular esta particularidad del discurso sofístico a la contingencia como una modalidad lógica en el tratamiento psicoanalítico. Se esboza brevemente un camino desde Gorgias a Lacan para tratar de demostrar por qué el recurso al equívoco es un arma poderosa para trabajar con el inconsciente a través de la interpretación. . A partir de las elaboraciones sobre el inconsciente real, la lógica del no-todo y la imposibilidad de la relación sexual demostramos cómo la modalidad del contingente es crucial para el tratamiento psicoanalítico.

Palabras clave:

Contingente; Interpretación; equívoco; kairós

La logique de la contingence dans l'interprétation équivoque**Résumé**

Kairós est un mot grec impossible à traduire qui a une importance particulière pour la sophistique car il représente quelque chose par rapport au temps, au discours et à l'argumentation. Barbara Cassin définit *Kairós* comme le moment incalculable, furtif, sans but, singulier et contingent. Il peut aussi être considéré comme le moment de l'ouverture du possible, le moment de la rupture, de la création du nouveau. Ce travail vise à articuler cette particularité du discours sophistique sur la contingence en tant que modalité logique dans le traitement psychanalytique. Un parcours de Gorgias à Lacan est brièvement tracé pour démontrer pourquoi le recours à l'équivoque est une arme puissante pour travailler avec l'inconscient à travers l'interprétation. A partir d'élaborations sur l'inconscient réel, la logique du pas-tout et l'impossibilité de la relation sexuelle, nous démontrons comment la modalité du contingent est cruciale pour le traitement psychanalytique.

Mots-clés:

Contingent; Interprétatoin; Équivoque ; kairós

***Legein logou kharin* : falar por falar**

No *Górgias* do Platão, encontramos a interrogação de Sócrates ao sofista sobre o que ele “é”, sobre como devemos nomear o seu trabalho, sobre o que ele ensina, e em que consiste o poder da sua arte. O sofista responde que a sua arte é a retórica, e que o objeto da retórica é a palavra, “a retórica é a arte onde a tarefa é executada tendo o discurso como seu único instrumento” (Platão, 1987, p. 131). No diálogo entre Sócrates e Górgias encontramos o argumento de que o discurso conserva o poder de persuasão como sua maior arma, o único instrumento da retórica é a palavra, pois ela pode convencer não importa quem a fazer não importa o que. Porém, mais adiante, veremos que a arte da sofística vai além da retórica, uma vez que a sua prática discursiva é a encarnação da *epideixis*, o discurso como performance.

Os sofistas são aqueles que recusam o princípio da não contradição, eles falam por falar, isto é, falam pelo prazer de falar.

Esse “falar por falar” não pode deixar de ser aproximado do *legein logou kharin* pelo qual Aristóteles expulsa os sofistas da comunidade dos seres falantes que, obedientes ao princípio de não-contradição, falam sempre para significar alguma coisa. (Cassin, 2016, p. 34)

Aristóteles critica esta posição discursiva, pois ele considera que falar é dizer alguma coisa, e dizer alguma coisa é dar um só sentido à uma palavra para si mesmo e para o outro. Uma palavra não deve significar mais de uma coisa ao mesmo tempo, ela não pode ter e ao mesmo tempo não ter a mesma significação. Se qualquer um fala sem significar, essa pessoa, para o Estagirita, não é um homem e sim uma planta que fala. A sofística, que não exclui a homonímia, seria então, para o filósofo, uma categoria fora da filosofia, pois ela não opera pela

decisão do sentido (Cassin, 2005; 2010; 2014; 2017). Platão igualmente no curso de sua obra faz distinção entre o *logos* da sofística e o *logos* da filosofia, aproximando a sofística da poética.

Uma das grandes especificidades do discurso sofístico é o *kairós*, uma das palavras gregas mais intraduzíveis (Cassin, 2014). O *kairós* está ligado à temporalidade discursiva na medida em que ele pode inverter ou modificar os argumentos. *Kairós* é o momento oportuno da retórica, é o momento no qual um sentido pode ser convertido em outro graças ao poder das palavras, “em retórica, o *kairós* é o princípio que governa a escolha de uma argumentação, os meios utilizados para provar, e mais particularmente, o estilo adotado” (Tordesillas, 1986, p 33. tradução nossa). Na argumentação sofística, o momento decisivo é uma ocasião favorável que invalida as certezas das proposições precedentes. O *kairós* é o que permite, pela contingência, transformar os possíveis discursos em enunciados.

Esta divindade grega é representada pela imagem de um jovem com vastos cabelos e que possui duas asas nos calcanhares, sendo extremamente rápido. Quando acontece a passagem furtiva de *Kairós*, é necessário agarra-lo pelos cabelos e “o êxito dessa operação permitia agir eficazmente, dominar uma situação ao apreendê-la firmemente em seu âmago, provocando uma mudança radical” (Dosse, 2013, p. 3). Outra característica interessante é o seu caráter autotélico, isto é, ele tem em si mesmo o seu próprio objetivo. *Kairós* é o instante incalculável, furtivo, sem objetivo, singular e contingente. O tempo representado por *Kairós* é não espacial, ele é o momento oportuno, é o corte que produz uma abertura (Cassin, 2014; 2017).

No seminário *Os problemas cruciais da psicanálise*, Lacan (1964-1965) afirma que o psicanalista é a presença do sofista em nossa época, porém com outro estatuto. O que isso significa? Uma das respostas possíveis seria que a psicanálise funciona apenas através da linguagem e, através da fala, esta práxis pode mudar a vida dos sujeitos que nos seus percursos

analíticos atravessam os modos de gozo e fazem rupturas que possibilitam mudanças na posição subjetiva diante dos circuitos da repetição.

Performance discursiva: a *epideixis* e o *logos pharmakon*

O que é a performance discursiva? Para Barbara Cassin, trata-se da performance que produz um efeito-mundo, uma vez que o discurso tem em si a potência para mudar as coisas, o discurso “performa atos e obras até o final” (Cassin, 2016, p. 37). A *logologia* é o efeito do dizer e, através da psicanálise, isso pode ser demonstrado, uma vez que através da fala é possível fazer aparecer um novo modo de gozo do sintoma. Essa mudança se faz possível por meio de uma reorganização significativa realizada através de rupturas causadas pela contingência da palavra.

O *logos* (razão, discurso) possui três possibilidades diferentes de se apresentar através das seguintes modalidades: retórica, *apodeixis* e *epideixis*. A retórica é a prática de falar para alguém e tentar convencê-lo. *Apodeixis*, ou demonstração, consiste em falar sobre algo e demonstrá-lo, essa é a modalidade da filosofia. Em terceiro lugar temos a *epideixis* que pode ser traduzida como performance. Nessa categoria não se fala sobre algo, nem para alguém, mas pelo puro prazer de falar. A *epideixis* é uma performance do discurso, a linguagem em sua dimensão de ato, transformadora e constitutiva de realidades. Ou seja, *epideixis* é fabricar algo através da fala. (Cassin, 2017).

Do lado de Aristóteles encontramos a *apodeixis*. A filosofia aristotélica é constituída por uma demonstração ontológica das coisas através do *organon*, órgão ferramenta, “a linguagem é o próprio instrumento do homem, que ele usa para desdobrar, para demonstrar a coisa a partir dela mesma” (Cassin, 2000, p. 87. tradução nossa).

Na *Nota Italiana*, Lacan (1974/2003) defende que o analista deve encontrar o amor mais digno, um outro amor que dá um basta ao palavrório incessante do sujeito que busca uma

verdade. O analista deve estar advertido, como diz Lacan: “encontre-me um analista desse gabarito, que assente a coisa em outra que não um *organon* esboçado” (Lacan, 1974/2003, p. 315), isto é, o analista não deve operar a partir da *apodeixis*, da demonstração, da decisão do sentido, contudo deve possibilitar que o analisando entre no modo discursivo da *epideixis*, que é o ato de performar e ter acesso ao novo, de fabricar as coisas através da palavra.

A psicanálise, assim como a sofística, exerce a arte da *epideixis*, pois toma a palavra como instrumento de invenções, é o discurso como criador, criativo, instaurador do novo. Só assim é possível produzir mudanças e rupturas que causam efeitos diversos a partir do ato de fala do analisando. Nessa perspectiva, podemos conceber o discurso como prévio à existência, é o discurso que constrói realidades, e não o contrário. Os acontecimentos vão produzindo as novidades através da emergência de contingências que possibilitam o novo: a criação dos possíveis.

Górgias escreve um tratado nomeado *Sobre o não-ser ou sobre a natureza* como refutação ao poema de Parmênides *Sobre a natureza ou sobre o ser*. Com este tratado, Górgias reduz o ser a um efeito de discurso. Do lado do sofista, há *logologia*, e não mais a ontologia e seus efeitos do ser eterno e universal. A *logologia* tem relação com a temporalidade, “é o tempo que é o princípio do desempenho ou de eficácia do discurso” (Cassin, 2014, p. 42. tradução nossa). O *logos* é um *pharmakon*, o que significa que a realidade é construída pelo discurso, “é a escuta de Górgias que manifesta que o ser é um efeito do dizer” (Cassin, 2017, p. 63, tradução nossa), nas palavras de Lacan: “ser falante, ficando bem entendido que ele obtém o seu ser da fala” (Lacan, 1973/2003, p. 551).

A lógica da contingência

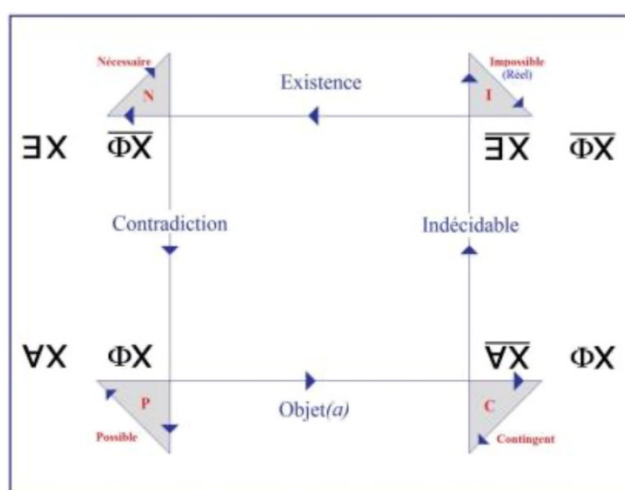
A partir da década de 70, Lacan passa a priorizar o aspecto contingencial do inconsciente:

O recurso é o inconsciente, a descoberta de Freud de que o inconsciente trabalha sem pensar, nem calcular, nem tampouco julgar, e que, ainda assim, o fruto está aí: um saber que se trata apenas de decifrar, já que ele consiste em um ciframento. (Lacan, 1973/2003, p. 553)

O inconsciente como um ciframento, ou seja, um saber cifrado com um sujeito que é suposto. Em outros termos, podemos colocar da seguinte forma: inconsciente saber sem sujeito. Dessa forma, enfatiza-se a parte do sujeito que não é apreendida pelo significante – o impossível que não cessa de não se escrever – e desenvolvendo a noção do não-todo fálico e gozo Outro, nos deparamos com a lógica da ex-sistência do inconsciente.

Para Lacan (1971-1972), a contingência abre as vias para o indecível e para o impossível. No quadro da sexuação, ele posiciona a contingência no lugar do quantificador não-todo fálico, do lado feminino das fórmulas. O não-todo é um quantificador que não conversa de forma contrária nem de forma contraditória com as outras proposições. Ele é o novo, o singular e incalculável. Trata-se do conjunto infinito, aberto e contingente do feminino.

Figura 1. Quadro lógico da sexuação com as modalidades lógicas



Fonte: Lacan, 1971-1972, p. 127.

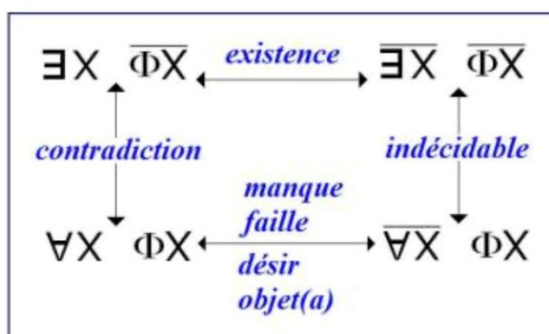
Com a inclusão do não-todo como quantificador, abre-se o caminho para a impossibilidade da relação sexual, uma vez que não é possível estabelecer uma relação complementar ou contraditória entre os dois lados do quadro da sexuação. Esta discussão nos remete ao aforismo lacaniano sobre o fato de a verdade só poder ser semi-dita. Só é possível abordar a verdade através de um meio-dizer. Para Lacan, o *não há relação sexual* é o que vem a substituir o princípio de todos os princípios, o *princípio da não-contradição* (Cassin, 2010) elaborado por Aristóteles e responsável pelos caminhos seguidos na construção do saber filosófico e científico do ocidente.

O não-todo e a subversão da lógica clássica

O último ensino de Lacan é o momento em que ele utiliza a lógica para demonstrar a impossibilidade da relação sexual e, com isso, avança na noção de estrutura. Questões como o Édipo, a castração, a interdição do gozo, o pai, são elevadas a um patamar lógico, o que permite um distanciamento do romance freudiano carregado de conteúdos imaginários.

No seminário *Ou pior* ele estabelece um “caminho” entre as modalidades lógicas e os quantificadores da sexuação. No quadro abaixo, identificamos uma espécie de circulação entre os quantificadores. É possível realizar uma vasta leitura sobre esta circulação, incluindo questões sobre o final da análise e sua conexão com o lado feminino da fórmula, no qual podemos localizar o indecível entre o contingente e o impossível.

Figura 2. Circulação entre os quantificadores da sexuação



Fonte: Lacan 1971-1972, p.125.

No quadro acima encontramos a contradição localizada apenas do lado homem. Isso ocorre porque o quantificador não-todo não pode ser traduzido a partir das proposições de universal ou particular. O não-todo subverte o universal e o particular, ele explode a lógica proposicional aristotélica. Além disso, Lacan inverte a lógica clássica ao localizar a contradição entre o necessário e o possível, entre uma particular negativa (necessário) e uma universal positiva (possível).

Entre os dois lados definidos como todo (homem) e o não-todo (mulher) não há complementariedade, entre eles se situa o que Lacan chama de objeto *a*, falha, falta, desejo, “o que sai da escapada pela qual a hiância da relação sexual é responsável: ou seja, o que assinalo pelo *objeto a*” (Lacan, 1973/2003, p. 552). Se os dois lados opostos fossem complementares, isso não aconteceria, pois seria possível fechar um todo absoluto ou dizer toda a verdade.

As mulheres são não-todas em um conjunto aberto que não possui um significante para representá-las, e por isso elas são únicas em sua diferença. O lado feminino escapa à norma. É necessário destacar que os significantes homem/mulher não representam aqui a diferença sexual biológica, mas uma posição do sujeito diante do gozo. Cassin (2000) traça uma análise interessante dessas posições em relação à filosofia e a sofística:

Lado homem: o pensamento é gozo, é o que traz o discurso analítico, é isto que já foi iniciado na filosofia de ser – há gozo do ser. Lado mulher: uma outra satisfação: a satisfação da fala. O homem falha e goza em filosofia, a mulher falha e goza em sofística. (Cassin, 2000, p. 199. tradução nossa)

Há escolha para a posição lógica sexuada. A resposta para o “não há relação sexual” vem em forma de sintoma de gozo, no modo específico de gozar da fala.

A escrita fálica e contingente

O contingente escreve os uns fálicos que cessam de não se escrever e, em um segundo momento, estes uns fora sentido podem ganhar um contorno de sintoma ao entrar no modo necessário: não cessa de se escrever. Com o recurso da análise o sujeito pode acessar a via do possível e cessar de escrever o sentido do sintoma, obtendo dessa forma efeitos terapêuticos (Thamer, 2017). Este é o circuito repetitivo no qual se encontra o sujeito em uma análise. O analisando produz saber através da articulação entre o gozo fálico e o gozo sentido, saber esse sempre insuficiente, pois há um ponto irreduzível do sintoma, o núcleo real.

Essa contingência insistente do um que não cessa de se escrever demonstra indiretamente o real "próprio" à cifração do inconsciente, ou seja, o impossível de escrever o dois que seria do sexo, o dois que não há, que "não cessa de não se escrever", tão "inacessível" quanto o dois da série dos números inteiros, aquele na falta do qual "não há relação sexual", não há relação entre o gozo Um e o Outro. Com isso, a fantasia com seu objeto surge como um suplemento imaginário ao Real, à forclusão da relação. (Soler, 2012a, p. 33)

É possível considerarmos a contingência como modalidade lógica do equívoco? O inconsciente *alingua, hors sens*, fora sentido, é contingente? No processo de decifração, um sentido qualquer pode colar-se a um fonema, palavra, ou frase qualquer e ter efeitos de significação diversos. Essa discussão abre caminhos para pensarmos o sintoma como acontecimento de corpo, causado pelo efeito de um dizer no corpo. A contingência é o que escreve o sintoma, no entanto a partir do momento em que ele acontece, a sua escrita entra no modo do necessário – não cessa de se escrever. Será apenas através de outra contingência, pois, que o sintoma poderá entrar no modo possível e cessar de se escrever, produzindo efeitos terapêuticos em uma análise.

Seria a contingência a modalidade lógica do inconsciente real onde há apenas a inscrição dos uns fálicos fora de sentido que formam um ciframento? A produção de sentido vem de maneira secundária a partir do deciframento do inconsciente, trabalho realizado pelo analisando em transferência. Trata-se do sujeito suposto. Isso aponta para o sintoma não mais como estrutura de metáfora, característico do inconsciente estruturado como uma linguagem, onde há um sujeito representado entre significantes, mas sintoma função de gozo, gozo da letra. Só há o Um, inconsciente sem sujeito.

A psicanálise, assim como a sofística, recusa o princípio da não-contradição e, em uma posição contrária, eleva o equívoco à dignidade da coisa, “somente os equívocos fundam/fundem nos dois sentidos da palavra (...) e o único interesse do significante é o equívoco que pode sair dele, isso quer dizer alguma coisa da ordem do “fundir dois em Um” (Lacan, 1971-1972, p. 126. tradução nossa)². Ironias à parte, é o inconsciente equívoco, elaborado por Lacan em seu último ensino, que permite a existência da psicanálise como uma prática de fala que não se resume a um *Organon* esboçado, e que vai além dos efeitos terapêuticos produzidos naqueles que se autorizam em uma análise. Em psicanálise, o equívoco não se resume apenas à homofonia. Existem três versões possíveis: homofônica, gramatical e lógica. Apesar da importância desse tópico, não vamos nos aprofundar sobre esse ponto neste trabalho.

A forma como os sofistas utilizam a linguagem possui uma relação direta com a sonoridade das palavras e seus jogos de significados. Não foi por qualquer motivo que Aristóteles e Platão consideraram a sofística mais próxima da poesia do que da filosofia. A não exclusão das homonímias e os jogos com os equívocos nos faz pensar sobre a perspectiva lacaniana de inconsciente *alíngua*, que é constituído de puro gozo e equívoco. O inconsciente estruturado como uma linguagem é o inconsciente em modo de associação livre, sob

² No original: *Ce sont les équivoques qui fondent, dans les deux sens du mot...et le seul intérêt du signifiant, c'est les équivoques qui peuvent en sortir... c'est-à-dire quelque chose de l'ordre du fonde d'eux un Un..*

transferência. A importância do equívoco consiste no fato de que há uma anterioridade lógica na produção de sentido. O inconsciente é uma série, só há o Um, ele é ciframento. Em um segundo tempo, é através da decifração que o sentido é produzido em uma análise, sentido que nunca cessa de escapar e de ser impotente na construção de uma verdade toda, pois o dois nunca pode ser escrito.

O sentido do sentido em minha prática, se capta por escapar: a ser entendido como de um tonel, e não por uma debandada. É por escapar (no sentido do tonel) que um discurso adquire o seu sentido, ou seja, pelo fato de seus efeitos serem impossíveis de calcular. O cúmulo do sentido, isso é perceptível, é o enigma (Lacan, 1973/2003, p. 550).

Poderíamos então dizer que o analisando, durante o processo analítico, trabalha em um inconsciente supostamente estruturado como uma linguagem em suas formações, seus jogos de metáfora e metonímia, para depois, se alguma contingência o permitir, se deparar com o impossível, com a impossibilidade da relação sexual, abrindo vias de acesso lógico para o inconsciente não-todo, inconsciente real. No final das contas, no inconsciente só há o Um, aquele que cessa de não se escrever contingentemente. Só há a escrita do Um, todavia o sujeito em uma análise traça uma corrida à verdade, ignorando que esta será sempre semi-dita. Esses Uns podem ser definidos como “os Uns que o inconsciente cifra; Um do gozo fálico, isto é, que caiu sob o golpe da castração e que faz função de sujeito, e o um do Dizer do Um sozinho, daí o famoso há Um” (Soler, 2012a, p. 33)

Há uma passagem no texto *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos* que merece ser destacada:

Não é pelo fato de um sentido de sua interpretação ter surtido efeitos que os analistas estão com a verdade, pois, mesmo que ela seja precisa, seus efeitos são incalculáveis. Ela não atesta saber algum visto que, tomando-o em sua

definição clássica, o saber se verifica por uma possível previsão. (Lacan, 1973/2003, p. 555)

Górgias em sua afirmação que o ser é um efeito do dito, confirma a tese lacaniana de que tudo é possível em *lalangue*. Qualquer cadeia significante pode surgir da série dos Uns, qualquer efeito de ser, é contingente, de modo que não há essência. Isso não significa que o significante não marca o corpo do sujeito, pelo contrário, o significante é gozado, ele é causa de gozo. Porém, é impossível traduzir a pulsão ou decifrar o inconsciente completamente. Sendo assim, o analisando deve atravessar o seu amor ao sentido em uma análise, rompendo com o amor pela decifração do inconsciente. Entretanto, esse desenlace só é possível depois de muitas voltas do circuito da repetição. Depois de numerosas tentativas de significação desse real que retorna de diversas formas – *tyché* – desse modo o analisando terá, finalmente, a chance de topar com o *hors-sens* e aceitá-lo sem tanta desorientação.

Nós somos *parlêtrês*, palavra que vem substituir o inconsciente, que faz equívoco com *parlote* (tagarelice, verborragia) de uma parte, e sobre o fato de que é da língua que nós temos essa loucura de que há o ser” (Cassin, 2010, p. 45. tradução nossa)

Lacan (1964/2008, p. 40) define que “o estatuto do inconsciente é ético, e não ôntico”. Não há decisão de sentido, não há destino previamente escrito para o sujeito. Só há a produção contingente dos Uns que apontam para a impossibilidade da relação sexual. É justamente este o ponto no qual o analisando pode se esbarrar ao final de uma análise. A arbitrariedade do contingente é o que resume a constituição do inconsciente real, onde o Um pode vir a ter infinitas possibilidades de significação.

A razão pela qual os equívocos da *alíngua* podem funcionar contra o gozo do sintoma é porque ele se fez com base na *alíngua*. E recordemos a observação

de Freud ao dizer que não se pode interpretar o sentido de um sintoma corretamente, quer dizer com efeitos de modificações, sem as associações verbais do próprio paciente. Isso indica que é a própria técnica freudiana com seus resultados que implica a função de *alíngua* na constituição não somente da significação e do sentido, em outras palavras, da verdade dita pela metade. (Soler, 2012b, p. 32-33)

A partir daí, podemos verificar a importância da interpretação equívoca. Se não há verdade toda, se não há decisão de sentido, nem relação sexual, é a partir do equívoco que o sujeito pode, em *momentos oportunos, kairós*, agarrar o que se apresenta, e pela via do desejo construir o seu próprio ser poema em uma análise.

Referências bibliográficas

- Cassin, B. (2005) *O efeito sofisticado: sofisticada, filosofia retórica e literatura*. São Paulo: Ed. 34.
- Cassin, B. (2000) *Voir Hélène en toute femme*. Paris : Institut d'étidion Sanofi-Synthelabo.
- Cassin, B. (2010) L'ab-sens, ou Lacan de A à D. In Badiou, A ; Cassin B. *Il n'y a pas de rapport sexuel*. Paris : Fayard.
- Cassin, B. (2014) *L'archipel des idées de Barbara Cassin*. Paris : Éditions de la maison des sciences de l'homme.
- Cassin, B. (2016) Sofística, performance, performativo. *Anais de filosofia clássica*. vol. 10 n. 20.
- Cassin, B. (2017) *Jacques le sophiste*. Paris : EPEL.
- Dosse, F. (2013) *Renascimento do acontecimento*. São Paulo: Editora Unesp.
- Lacan, J. (1964/2008) *O seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1964-1965) *Le Séminaire, livre 12: problèmes cruciaux de la psychanalyse*. Séance du 12 mai 1965, inédito.

Lacan, J. (1971-1972) *Le Séminaire, livre 19 : Ou pire*. Versão Staferla.

Lacan, J. (1973/2003) Introdução à edição alemã de um volume dos Escritos. In Lacan, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Lacan, J. (1974/2003) Nota italiana. In Lacan, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar E

Platão. (1987) *Gorgias*. Paris: Flammarion.

Soler, C. (2012a) *Lacan o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.

Soler, C. (2012b) Uma interpretação que leve em conta o real. In *Stylus*. n.24. Rio de Janeiro :
Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano.

Thamer, E. (2017). O que cessa e o que não cessa com uma psicanálise. In Teixeira, A. *Identificação e identidade na psicanálise*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2017b. p. 17-34.

Tordesillas, A. (1986) L'instance temporelle dans l'argumentation de la première et de la
seconde sophistique : la notion de *kairos*. In B. Cassin (Org.) *Le plaisir de parler*.
Paris : Les éditions de minuit.